ApRendIz de amOR & dOR

por Ricardo Cruz
imagem André Sader

Retratista do lado obscuro da São Paulo alucinada, o escritor Fernando Bonassi mostra em O Amor é uma Dor Feliz, que é o melhor da geração dos 30 e poucos

Apesar de ainda não conseguir viver exclusivamente de sua produção literária e atravessar os primeiros meses de separação de um casamento de 10 anos, o escritor e roteirista Fernando Bonassi, 34 anos, está numa boa. Seu mais recente livro, **O Amor É uma Dor Feliz**, uma auto-biografia juvenil cômica ficcionada indispensável, recebe boas críticas de todos os lados — entre elas, uma do escritor Sérgio Sant'Anna sugerindo que seus livros sejam adotados na escola. **Um Céu de Estrelas** virou filme da nova safra nacional. **Subúrbio**, de 94, foi adaptado para o teatro alemão e, em 98, Bonassi fica seis meses em Berlim escrevendo um romance encomendado.

Nada mal para um cara criado em uma família (a)normal da periferia da zona leste paulistana que levou 10 anos para se formar em cinema — "para ter direito à cela especial". Hoje, co-assina alguns dos principais roteiros do novo cinema brasileiro, publica diariamente em jornal e ainda encontra tempo para escrever para crianças. "As pessoas de oito anos têm muita lucidez, já há muita raiva e muito amor aos oito anos; moleque é um bicho louco pra caramba."

Enquanto isso, ainda prepara mais um livro – **Diário da Guerra do Crack** –, que deve estar pronto até o fim do ano e, segundo o autor, é uma ficção meio autobiográfica . "Nunca fui traficante de drogas, mas é uma história que se passa nos anos 80, no surgimento do crack por aqui, com uma pessoa que descobre que, pra ter um tênis que não é furado ou pra comprar um carro, ela só pode traficar crack."

Em **O Amor...**, Bonassi narra, em primeira pessoa, em ritmo de autobiografia disfarçada, a barra pesada — muitas vezes, divertida — da iniciação de um garoto suburbano, das tretas em família à entrada no mercado de trabalho, passando por sexo, drogas e rock'n'roll. Para ele, não é preciso dominar a língua nem ter vivido grandes paixões para escrever, mas a sinceridade na hora de passar os sentimentos para o papel é indispensável. Mesmo assim diz que, "se você for um mentiroso consistente, você pode ser um grande escritor".

89 - Qual a sensação de ter um livro seu adaptado para teatro ou cinema?

Bonassi - O legal é que o roteirista disseca o livro como você mesmo não consegue mais fazer. É um cara que tem a função de fragmentar o seu trabalho e criar uma outra coisa, então você tem chance de ver o seu livro em perspectiva.

89 - O Amor... é o seu primeiro trabalho autobiográfico?

Bonassi - É uma espécie de livro de memórias, sacanagem, drogas, vida na periferia, tem muito do que aconteceu comigo. Na verdade, todos os meus livros têm, mas esse talvez seja o mais explicitamente autobiográfico, embora tenha muita mentira. Apesar de ser cruel e violento, é mais engraçado do que as outras coisas que fiz. Tenho um carinho muito grande por ele.

89 - Na sua opinião, a História do Brasil ainda é um bom tema para o cinema?

Bonassi - O cinema de um país é feito de muitos temas. Existe um vício de alguns cineastas de acharem que as pessoas vão gostar mais de filmes históricos. Não concordo com isso. Um bom policial pode falar muito mais do Brasil do que um bom filme histórico. A história de **O Bandido da Luz Vermelha**, por exemplo, fala muito mais do Brasil do que qualquer **Independência ou Morte** desses. **Os Matadores** é o filme mais brasileiro em que já

LITERATURIS
LiTeRAturIS
Cê leu o conto dele lá meu?